

A noite com desertos de sombra e luar

Uma escritora esquecida é redescoberta: poesia e prosa da importante escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen

De Paul Ingendaay

Frankfurter Allgemeine Zeitung, 13 março 2021



Quando a poeta Sophia de Mello Breyner Andresen morreu em Lisboa em 2004, aos 84 anos, Portugal perdeu uma voz centenária, carinhosamente chamada de “Sophia”, e o mundo uma mulher das letras que mal conhecia. Com as edições “Exemplarische Erzählungen” (“Contos Exemplares”) e “Die Muschel von Kos” (“O Búzio de Cós”), a editora Elfenbein Verlag faz um apelo empenhado a favor da autora que, em 1999, venceu o Prémio Camões, a mais alta distinção literária do país.

Nascida no Porto, Sophia de Mello Breyner Andresen era bisneta de um imigrante dinamarquês e cresceu no seio de uma família liberal aristocrática. O seu significado excepcional em Portugal conheceu-o através da sua poesia, a que se dedicou uma vida inteira, apesar de ter também escrito contos, ensaios, livros infantis, uma peça dramática e de ter traduzido autores da Antiguidade. Enquanto católica crente e mãe de cinco filhos, não correspondia exatamente ao *cliché* do artista do século XX, com o efeito de os seus escritos estéticos parecerem hoje agradavelmente frescos, livres das modas políticas. Foi opositora do regime de Salazar, que vigorou até à Revolução de 1974, e traçou uma linha clara entre a sua própria fé e o catolicismo do regime fascista do Estado Novo, traços esses que se detetam nas formulações cuidadosas da sua prosa, como se qualquer presumível proximidade ideológica aos detentores do poder a deixasse fisicamente desconfortável.

Os dois volumes agora publicados têm um peso diferente. Em “Contos Exemplares”, traduzido por Michael Kegler e infelizmente com uma revisão do texto descuidada, ficamos a conhecer uma autora, cuja atmosfera poética tantas vezes encantadora luta contra o conteúdo moralizador. Sophia certamente que não entendeu estas forças como opostas, senão teria criado estes textos de forma diferente, mas nem todos os leitores experientes de contos, com o treino da leitura de Tschekow, Hemingway ou Carver, darão o salto para o metafísico com naturalidade. Embora no conto mais longo do livro, “O Jantar do Bispo”, apareça na forma de um misterioso “homem importante” também o diabo, a preocupação da autora, aqui e noutros textos, não é o além, muito pelo contrário: pretende chamar a atenção para uma pobreza gritante e um pensamento de classe

complacente, sobretudo num país tão orgulhoso dos seus valores católicos. A densidade da escrita de Sophia de Mello Breyner pode ver-se na parábola “A viagem” que relata o deslizar de todas as ambições, a perda de todas as oportunidades durante a viagem de um casal. A paisagem desaparece, casas e sinais de estrada desaparecem, o tempo de vida esgota-se. Na memória não fica a lição moralizadora, mas antes a imagem poética. Encaixa nesta autora do mar, o facto de ver no grito de um vagabundo ao ar livre o gesto de Homero, um canto modulado: “Palavras brilhantes como as escamas de um peixe, palavras grandes e desertas como praias.”.

Com esta linha de prosa está-se já perante a poesia de Sophia. Pois, as coisas naturais que a rodeiam – árvores, florestas, a cor de uma ânfora ou do mar, o cheiro da manjerona – determinam a sua poesia empírica e intelectual, preenchida de uma concretude maravilhosa. Esta poesia pode ser sobre o mundo exterior, mas também sobre uma imagem de Miguel Ângelo ou um evento da mitologia grega. A autora descreveu a sua relação com o mundo como uma “ligação com as coisas”. Os seus versos soam ricos, mas não procurados, são muitas vezes surpreendentes, mas não cegam. Entrega-se às vogais do português com a naturalidade de uma artesã que fala com o seu material e, para onde não há rimas, a tradutora encontra soluções atrativas. “Noite”, lê-se no poema curto com o mesmo nome, “de folha em folha murmurada, / Branca de mil silêncios, negra de astros, / Com desertos de sombra e luar, dança / Imperceptível em gestos quietos”.

Estes poemas só serão lidos, certamente, se se souber um pouco de língua portuguesa. Depois, as traduções e o posfácio de Sarita Brandt são extremamente úteis. Isto porque, são visíveis os arranhões e marcas de batalha de quando a tradutora teve de encontrar soluções de rimas ou de quando foi preciso respeitar a métrica. Se necessário, recorre ao estilo antiquado ou à ordem arcaica das palavras, que pouco têm que ver com a contemporaneidade da poesia de Sophia. A expressão recorrente “em tudo quanto amei” (“in allem was ich liebte”) surge uma vez como “durch alles, was ich geliebt so sehr” (“através de tudo aquilo que tanto amei”), oito páginas à frente “in allem, was ich einst liebte, nur ich” (“em tudo aquilo que em tempos amei, só eu”). Em ambos os casos, o acrescento das expressões “so sehr” e “nur ich” deve-se unicamente à necessidade de fazer o verso rimar em alemão. Isto torna os versos, enquanto poesia alemã, inúteis – a menos que sejam entendidos conforme é sua intenção, ou seja, a de serem uma sugestão de aproximação ao original.

Foi uma decisão sábia da parte da tradutora, a de incluir na edição cinco pequenos textos sobre poesia. Assim ficamos a conhecer a memória mais antiga de Sophia de Mello Breyner, o seu momento poético primeiro: uma sala junto ao mar, na qual, sobre uma mesa, se encontra pousada uma grande maçã vermelha. Daqui nasceu a ideia de que a obra de arte faz parte do real, “destino, realização, salvação e vida” – o círculo traçado em torno de uma coisa, “um círculo onde o pássaro do real fica preso”. Mas também ficamos a saber da descoberta que se tornou definidora de vida e que corre nos versos desta bela síntese: “Encontrei a poesia antes de saber que havia literatura”.